

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

ALESSANDRA BATISTA DE GODOI BRANCO

**REALIDADE EDUCATIVA: RELAÇÕES ENTRE A FORMALIDADE,
NÃO FORMALIDADE E INFORMALIDADE DA EDUCAÇÃO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2014

ALESSANDRA BATISTA DE GODOI BRANCO



**REALIDADE EDUCATIVA: RELAÇÕES ENTRE A FORMALIDADE,
NÃO FORMALIDADE E INFORMALIDADE DA EDUCAÇÃO**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Pólo UAB do Município de Paranaíba, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador(a): Prof^a Me. Claudimara Cassoli Bortoloto

MEDIANEIRA

2014



TERMO DE APROVAÇÃO

Realidade Educativa: relações entre a formalidade, não formalidade e não formalidade da educação.

Por

Alessandra Batista de Godoi Branco

Esta monografia foi apresentada às 8h do dia 11 de Outubro de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Pólo de Paranavaí, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. A aluna avaliada pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovada.

Prof^a. Me. Claudimara Cassoli Bortoloto
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof^a Dr. Maria Fatima Menegazza Nicodem
UTFPR – Câmpus Medianeira

Dedico este trabalho ao meu avô Moysés Batista de Souza, *in memoriam*: não frequentou escola, aprendeu a ler e a calcular com seu pai. Era trabalhador, administrava fazendas, fazia contabilidade, construía, plantava... Com uma caligrafia belíssima, nunca encontrei erros de ortografia em seus escritos. Gostava de ler e possuía livros. Foi sábio. Não teve ele acesso a Educação?

AGRADECIMENTOS

Agradeço à UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, câmpus Medianeira e pólo de Paranaíba personificada por todos os profissionais envolvidos no curso especialização em Métodos e Técnicas de Ensino – Turma 2013, direcionando meus agradecimentos aos professores, tutores, funcionários, a minha orientadora, a coordenação e a direção; os quais me transmitiram importantes ensinamentos e contribuíram significativamente para meu aprendizado e me motivaram para a honrosa e desafiadora carreira da educação.

Aos meus familiares, por seu incentivo e compreensão durante meus estudos.

Para Deus, além de meus agradecimentos, lhe presto gratidão pela vida e por me permitir perceber sua existência e em seu amor por nós. Eu o amo porque Ele me amou primeiro.

“Para falar ao vento, bastam palavras. Para falar ao coração, são necessárias vida e obras”. (ANTONIO VIEIRA)

RESUMO

BRANCO, Alessandra Batista de Godoi. Realidade educativa: relações entre a formalidade, informalidade e não formalidade da educação. 56 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

Este estudo abordou os tipos de educação formal, informal e não formal, com suas especificidades, diante do amplo contexto instrutivo, de acesso ao conhecimento, que ultrapassam limites das instituições escolares. No cenário de ampla realidade educativa, diversidade de atos educacionais e de agências socializadoras, o objetivo foi estudar a Educação além do contexto escolar, buscando resposta ao seguinte questionamento: como a educação informal e não formal interferem no cotidiano escolar formal em termos de aprendizagem? Buscou-se estudar onde ocorre o processo de ensino e aprendizagem, e quais são suas influências na educação escolar. A escolha do tema vinculou-se a reflexão do indivíduo, inserido em contexto de constantes mudanças, globalizado, que impulsiona e sugere a constante aprendizagem e adaptação. Neste trabalho foi explorada a relação entre a educação informal e não formal na educação formal escolar, com pesquisa de campo tipo quantitativa descritiva, por amostragem, realizada com alunos matriculados no Colégio Estadual São Vicente de Paula – EFMNPR, em Nova Esperança, Paraná. Os resultados obtidos apontam para fonte de leitura e pesquisa, acessos e interesses educativos dos alunos e servem de orientação para direcionamento de discussões e métodos que possam favorecer o processo de ensino e aprendizagem dentro do âmbito escolar, assim como em outras instâncias educativas.

Palavras-chave: Ensino Aprendizagem; Escola; Globalização; Conhecimento.

ABSTRACT

BRANCO, Alessandra Batista de Godoi. Educational reality: the relationship between formality and informality and the non-formal education. 56 sheets. Monograph (Specialization in Education: Methods and Techniques of Teaching). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

This study analyzes the types of formal, informal and non-formal education, with their specificities, in broad instructional context, access to knowledge, beyond the limits of educational institutions. In the scene of extensive educational reality, diversity of educational acts and socializing agencies, the goal is to study the education beyond the school context, seeking to answer the following question: how informal and non-formal education in the formal school interfere in the school routine in terms of learning? Search study where the process of teaching and learning occurs, and what are your influences in education. The theme is linked to the reflection of the individual, set in a context of constant change, globalized, that drives and suggests the constant learning and adaptation. This paper explored the relationship between informal and non formal education in formal school education, with field type descriptive quantitative research, sampling, conducted with students enrolled in the Colégio Estadual São Vicente de Paula - EFMNPR in Nova Esperança, Paraná. The results point to sources of reading and research, access and educational interests of the students and provide guidance for targeting discussions and methods that can help the process of teaching and learning within the school context, as well as other educational institutions.

Keywords: Teaching and Learning; School; Globalization; Knowledge.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Nível de Escolaridade dos Pais ou Responsáveis: Mãe	37
Gráfico 2 – Nível de Escolaridade dos Pais ou Responsáveis: Pai	37
Gráfico 3 – Em Seu Ambiente Familiar há Prática de Ensino de Valores, Normas e Limites?.....	38
Gráfico 4 – Em Seu Ambiente Familiar há Prática de Ensino de Leitura e Estudo?..	38
Gráfico 05 – Você Tem o Hábito de Ler Fora do Ambiente Escolar?	41
Gráfico 06 – Assinale Suas Principais Fontes de Leitura e Acesso a Informação	42
Gráfico 07 – Você Participa de Algum Grupo ou Curso de Aprendizagem Além do Escolar?	43
Gráfico 08 – Você Frequenta Outros Ambientes de Aprendizagem?	44
Gráfico 09 – Ao Concluir o Curso Técnico em Administração Integrado, Pretende Prosseguir os Estudos?	45
Gráfico 10 – Você Participa de Algum Grupo ou Curso Preparatório para Vestibular e/ou ProUni?	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	113
2.1 TIPOS DE EDUCAÇÃO: CARACTERÍSTICAS, INFLUÊNCIAS E INTERFERÊNCIAS	15
2.1.1 A sociedade do Conhecimento e a Globalização	208
2.1.2 Educação Formal	20
2.1.3 Educação Não Formal	23
2.1.4 Educação Informal	236
2.1.4.1 Interação entre Família e Escola.....	30
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	32
3.1 LOCAL DA PESQUISA	33
3.2 TIPO DE PESQUISA.....	344
3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	344
3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	344
3.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	355
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	366
4.1 NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS PAIS E RELAÇÃO EDUCATIVA	36
4.2 LEITURA E ACESSO A INFORMAÇÃO	40
4.3 ACESSO A EDUCAÇÃO INFORMAL E NÃO FORMAL	43
4.4 PERSPECTIVAS EDUCATIVAS	2345
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE(S)	55

1 INTRODUÇÃO

A educação humana, em seu amplo contexto de promulgação, seja histórico ou contemporâneo, sofre influência cultural, social, política, econômica, etc., sendo referenciada, por meio de estudos e pesquisas, com diferentes métodos e técnicas educacionais. Considerando que o processo educativo ocorre pela transmissão e assimilação de conhecimento, este trabalho se dirige aos modos de adquirir informação e novos saberes.

Atualmente, com a globalização, se encontram novos espaços de formação humana, com o surgimento de novas tecnologias, o ciberespaço, a mídia, entre outros, que avançam na difusão de conhecimentos e em sua constante reformulação e atualização de informações. Alguns autores comparam educação com socialização, pois esta envolve práticas educativas e qualquer ato educacional é uma ação socializadora. Diante de ampla realidade educativa, diversidade de atos educacionais e de agências socializadoras, este trabalho objetiva estudar a Educação além do contexto escolar para compreender o seguinte questionamento: como a educação informal e não formal interferem no cotidiano escolar formal em termos de aprendizagem? Busca estudar onde ocorre o processo ensino aprendizagem e quais são suas influências para a Educação. Pretende-se refletir o papel da escola e sua finalidade social com base em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo por meio de consulta a uma comunidade escolar. Espera-se que os dados coletados sirvam de respaldo para o direcionamento de discussões e métodos que favoreçam para o processo de ensino e aprendizagem.

A Fundamentação Teórica se inicia com conceituações sobre Educação perante a modernidade e a globalização, traz questionamentos acerca do conhecimento e sua valorização na nossa sociedade atual. Os temas foram organizados em subtítulos: “Tipos de Educação: características, influências e interferências” que apresenta os tipos de educação, nos aspectos legais – a sua natureza de direito, em especificidades, em espaço, tempo, em desenvolvimento humano; “A sociedade do conhecimento e a globalização” que discorre sobre a inter-relação entre a globalização e o conhecimento, assim como seus reflexos a educação, a cultura, ao mercado; “Educação Formal” descrita em concepção, conhecimentos, regulamentação e mudanças, em aspectos que lhe conferem o grau

de formalidade; “Educação Não Formal” com definições e concepções, para especificar esta forma educacional, relacionando-a ao processo histórico e social; “Educação Informal”, da mesma forma, descrita enquanto processo educativo, suas influências na socialização e na transmissão de cultura; os tipos de educação se relacionam entre si, considerando que cooperam e interferem na Educação do indivíduo; “Interação entre família e escola” onde se discute as responsabilidades educativas destas instâncias, as características e interferências, assim como argumentos e reflexos relativos formas de cooperação e conflitos existentes entre a escola e família.

No capítulo “Procedimentos Metodológicos” consta o embasamento referente a pesquisa: bibliográfica, de campo tipo quantitativo descritivo, método e técnica empregada na formulação do trabalho. Subdivide-se a descrição do “local de pesquisa”, aplicada para alunos do curso Técnico em Administração Integrado, do Colégio Estadual São Vicente de Paula – EFMNPR, em Nova Esperança – PR; “tipo de pesquisa”, sendo, conforme citada, bibliográfica, de campo, com técnica de questionário aplicado por procedimento de amostragem, com apresentação dos resultados quantitativos representados por meio de gráficos e descrição e classificação; “população e amostra”, onde descreve a população pesquisada e o curso; “instrumentos de coleta de dados” onde apresenta a formulação dos questionários e descrição do processo de coleta, ao apresentá-los para os alunos e “análise dos dados”, onde aborda o método e forma de análise dos dados, sendo representados quantitativamente e explanados com por meio de consulta bibliográficas. No capítulo “Resultados e Discussão” se apresentam os resultados e as considerações com análise em consonância aos objetivos, dialogando a outros autores e pesquisas consoantes aos assuntos levantados.

O trabalho é concluído com as “considerações finais” a respeito do que foi produzido, pesquisado e aprendido pela autora.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Percebe-se que a Educação atual emerge em um amplo contexto instrutivo, de acesso ao conhecimento e informações que ultrapassam os limites escolares formais, de conhecimento científico. Considerar os diferentes tipos de educação, valorizar suas características intrínsecas e do promulgar o reconhecimento do saber que cada uma impulsiona e viabiliza é importante e necessário.

A Educação se efetiva quando há aprendizagem, independente ao método, ao tipo de educação, ao local ou ao conteúdo. Aprendizagem, para Rossini (2003) só se efetiva se incorporada à vida do aprendiz de forma a modificar seus comportamentos. A autora caracteriza a aprendizagem como: contínua, por acontecer durante toda a vida do sujeito, gradativa, por envolver experiências já aprendidas para complexar novas situações, e dinâmica, por reorganizar constantemente as experiências do indivíduo. Assim, ao refletir e conceituar aprendizagem, não é possível ou coerente, delimitar um único espaço físico para que esta se efetive:

Na antiguidade, o conhecimento era transmitido de forma bastante natural e informal: as pessoas reuniam-se em variadas situações, conversavam, discutiam, trocavam ideias. Sem perceber, umas ensinavam às outras aquilo que sabiam de forma prática e significativa, experimentando, investigando, procurando outras respostas. (...) A sociedade foi se complexando, as informações se acumulando e a educação se institucionalizou: apareceram as escolas, os alunos, os professores, orientadores, coordenadores, etc. (ROSSINI, 2003, p. 7)

Com isto, referencia brevemente o avanço histórico até a sociedade globalizada, que exige intensa socialização e preparo dos indivíduos. Destaca que muitas pesquisas relativas à Educação buscam e trazem análises em torno da melhor educação para atender a realidade do mundo globalizado, porém ressalta a necessidade de que seja significativa.

No Relatório à Unesco, a Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, elaborado por Jacques Delors e demais componentes, Delors realça a mudança global se referindo a sociedade educativa, na qual todos podem experimentar situações educativas, como aluno e/ou professor, “integrando,

deliberadamente, o informal no formal a educação” (DELORS, 1998, p.117), nesta sociedade em constante transformação “a educação descompartmentada no tempo e no espaço torna-se, então, uma dimensão da própria vida” (idem). Um dos pilares da educação referidos no Relatório - *Aprender a Aprender*-, é analisado por Demo (1993) com as seguintes considerações:

No mundo moderno, a educação, em sentido amplo de capacidade de aprender a aprender e de constantemente reciclar-se, tende a ser o patrimônio mais estratégico da pessoa e da sociedade, principalmente em termos de oportunidade de desenvolvimento. (...) A educação não deve perder tempo em temer a modernidade. Deve procurar conduzi-la e ser-lhe o sujeito histórico. (...) A modernidade passa pela educação. (DEMO, 1993, p. 10, 21 e 22)

O autor entende que a modernidade traz desafios à educação e que esta deve alcançar, acompanhar e informar-se das mudanças. Defende que a educação é importante politicamente (para a cidadania) e economicamente (para a produtividade) e considera que aprender a aprender é, além de deter o conhecimento, ter a habilidade metodológica de manejá-lo e produzi-lo. Para isso, os educandos precisam desenvolver “capacidade de informação crítica”, “habilitado a ler e interpretar sua realidade e seu entorno com criatividade sempre renovada; capacidade de atualização incessante” (1993, p.30).

Comumente pode-se encontrar o lema aprender a aprender nos discursos contemporâneos que incentivam os sujeitos ao seu constante aperfeiçoamento, à auto didática, onde o educando é o principal responsável por sua própria aprendizagem e sucesso acadêmico e profissional, com seus méritos competentes dos quais enquadrar-se como merecedor.

Lima (2010, p.42) em seu artigo “A educação faz tudo?” reflete e critica a respeito da apologia que se faz, ao atribuir grande poder à aprendizagem e à educação, representadas pela pedagogia moderna, de caráter economicista. O autor discorre sobre a aprendizagem dos sujeitos, cuja responsabilidade individual é adaptar-se em sua função, adquirindo qualificações e habilidades, obtendo flexibilidade e empregabilidade. Assim responde ao seu próprio questionamento, pelo qual discorre em seu texto:

[...] a *educação não faz tudo*, e nem tudo pode ser reconhecido como educação. A educação, enquanto direito humano, comporta limites

normativos, ético políticos e morais, que são incompatíveis com fenômenos de amestramento, endoutrinação ou condicionamento dos seres humanos. É por esta razão que as pedagogias críticas e as abordagens pedagógicas humanistas radicais criticaram as lógicas de “extensão”, o vanguardismo e o *slogan* em práticas educativas democráticas. (LIMA, 2010, p. 43)

Considera e concorda que a educação é importante para a economia, mas “é, porém, muito mais do que isso, e também uma questão de política social e cultural” (idem, p. 52). Com esta análise e reflexão, foram encontrados os muitos sentidos e responsabilidades atribuídos à educação, a aprendizagem e ao conhecimento, assim como a diversidade de instâncias a fim de utilizar do processo educacional para fortalecer suas ideologias e interesses.

Perante a modernidade, a necessidade e importância de aprender, atualizar-se e estar informado, assuntos estes que permeiam o conhecimento, cabe citar a resposta de Moacir Gadotti ao seu próprio questionamento:

Para que serve o conhecimento? O conhecimento serve primeiramente para nos conhecer melhor, a nós mesmos e todas as nossas circunstâncias. Serve para conhecer o mundo. Serve para adquirirmos as habilidades e as competências do mundo do trabalho; serve para tomar parte nas decisões da vida em geral, social, política, econômica. Serve para compreender o passado e projetar o futuro. Finalmente, serve para nos comunicar, para comunicar o que conhecemos, para conhecer melhor o que já conhecemos e para continuar aprendendo. Conhecer é importante porque a educação se funda no conhecimento e este na atividade humana. Para inovar é preciso conhecer. A atividade humana é intencional, não está separada de um projeto. Conhecer não é só adaptar-se ao mundo. É condição de sobrevivência do ser humano e da espécie. (GADOTTI, 2005, p.4)

Em acordo à sua justificativa, percebe-se que o conhecimento é primordial para a vida em sociedade, valorizado, enquanto poder, através do qual o indivíduo tem acesso ao trabalho, a cidadania e a própria humanidade.

2.1 TIPOS DE EDUCAÇÃO: CARACTERÍSTICAS, INFLUÊNCIAS E INTERFERÊNCIAS

Antes de distinguir e especificar os diferentes tipos de educação, cabe citar, o que diz respeito à educação, segundo a lei de rege a Educação Nacional: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96, em seu Título I, Art. 1º.:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996, p.1)

Embora conste no § 1º que a presente Lei “disciplina a educação escolar” - que é seu foco de deliberação e de regência -, ao descrever a abrangência da educação lhe confere contextos e características que ultrapassam a educação escolar, ao passo que esta é dever da família e do Estado, conforme Título II, Art. 2º (BRASIL, 1996, p.1).

Em continuidade a reflexão do que condiz como educação, se faz necessária a contribuição de alguns autores, com seus conceitos e análises deste objeto de estudo.

Para Gómez e Vila (2013, p.16), “o termo ‘educação’ não significa somente educação escolar”, sendo amplos e diversos os âmbitos educativos da sociedade atual, com isto, para que a escola cumpra sua função social de educar é necessário que esta se renove perante a sociedade multicultural e que a sociedade também assuma sua responsabilidade educativa. Desta forma, os autores consideram a escola como um dentre outros âmbitos educativos, integrada em contexto social, também educativo, cada qual com responsabilidades educacionais distintas e interligadas.

De acordo com Franco, Libâneo e Pimenta (2011, p. 57) “a Educação expressa a forma do desenvolvimento humano em contextos culturais” e, enquanto a educação forma qualidades humanas. Percebe-se, com os autores, a educação enquanto atividade para desenvolvimento humano, do que se considera adequado e apropriado ao contexto cultural no qual está inserido.

Gadotti (2005), ao mencionar educação, trata de sua natureza de direito para todos, garantido por lei. Destaca que esse direito não termina com a conclusão do ensino obrigatório escolar, mas “é um direito que deve estender-se ao longo de toda a vida, como a própria educação” (GADOTTI, 2005, p.1). Direito a educação, para o autor, está dimensionado em acesso, permanência e aprendizagem de

qualidade, e completa: “o direito à educação é, sobretudo, o direito de aprender. Não basta estar matriculado numa escola. É preciso conseguir aprender na escola” (GADOTTI, 2005, p.1). Ao discorrer sobre as características de direito à Educação afirma que este direito acompanha – com todas as condições mencionadas – como condição necessária a prática da cidadania. Se compreende, com sua natureza de direito, uma significação muito clara do que todos têm garantido e amparado legalmente, contrapondo-se, muitas vezes, a prática; o que direciona ao questionamento se tal direito é viabilizado igualmente e com a qualidade preconizada e idealizada. A esta questão se refere à prática de cidadania, que repercute na reflexão a respeito dos prejuízos severos a sociedade se tal omissão for realizada.

Em outro aspecto, Gohn afirma que:

[...] a educação é abordada enquanto forma de ensino/aprendizagem adquirida ao longo da vida dos cidadãos; pela leitura, interpretação e assimilação dos fatos, eventos e acontecimentos que os indivíduos fazem, de forma isolada ou em contato com grupos e organizações. A educação escolar, formal, oficial, desenvolvida nas escolas, ministrada por entidades públicas ou privadas, é abordada como uma das formas da educação. (GOHN, 2011, p.105-106)

Em seu texto, a autora discorre sobre educação sem limitá-la a um período ou a um local, citando a educação formal como “uma das formas da educação”, sendo que cada uma destas formas possuem suas características, métodos, organização e objetivos específicos. Tendo em vista a educação sem limitação de espaço e objetivando visualizá-la em seu contexto amplo, discorre-se, brevemente e em termos gerais, sobre o momento histórico atual que está sendo vivenciado, envolto na globalização, com seus avanços tecnológicos, mudanças contínuas, velocidade de informação e influência cultural. Busca-se compreender a educação neste contexto.

Ao se referir ao espaço de aprendizagem no qual se imerge, Gadotti (2005, p.3) descreve que “a sociedade do conhecimento é uma sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem” e alerta que “frente à disseminação e à generalização da informação, é necessário que a escola e o professor, a professora, façam uma seleção crítica da informação” sendo tal postura necessária ser aprendida e exercida por todos que têm acesso a vasta e rápida difusão do conhecimento.

Ainda, em termos de espaço de aprendizagem, ao contato com a educação e as suas formas, se completa com o texto de Libâneo, o qual discorre:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (...) Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante. Mas é evidente que as transformações contemporâneas contribuíram para consolidar o entendimento da educação como fenômeno plurifacetado, ocorrendo em muitos lugares, institucionalizado ou não, sob várias modalidades. (LIBÂNEO, 2010, p. 26)

Com isto, é possível ampliar os horizontes em concepção do complexo ato educativo, reconhecendo suas muitas faces, modalidades e lugares.

2.1.1 A Sociedade do Conhecimento e a Globalização

A denominação sociedade do conhecimento pode ser aliada à globalização, que “é um novo sistema de poder, que exclui e inclui, segundo as conveniências do lucro” (GOHN, 2011, p.18), pelo que, gera novas formas de dominação e exclusão, principalmente na área cultural. Com a globalização, avanço tecnológico e a rápida divulgação de informações, a educação tem sido chamada para o enfrentamento dos desafios originados por tais transformações; assim como recurso para superação da miséria e desigualdade de renda e de justiça social (GONH, 2011, p.17). “A Educação ganha importância na era da globalização porque o elevado grau de competitividade ampliou a demanda por conhecimentos e informação” (GONH, 2011, p.22), com isto, além do aumento de demanda, há um novo olhar para a qualidade e tipo de educação oferecida, que prepare seus educandos para a vida, o trabalho e a produtividade mais duradoura. A importância da educação se refere, neste ponto, a produtividade, a melhores oportunidades de emprego e a adequação as necessidades do mercado. Neste aspecto, a educação se sujeita aos interesses do capital e se torna um requisito necessário para o enfrentamento da

competitividade, ao passo que sua qualidade é mensurada de acordo com os padrões do preparo para a vida e o trabalho, em acordo com o Título I § 2º da LDBEN: “a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social” (BRASIL, 1996, p.1)

Com o aumento da demanda, há o aumento da oferta a Educação, diversificada, direcionada ao preparo, ao aperfeiçoamento profissional, em diferentes níveis e atividades.

[...] as demandas sobre a educação são múltiplas. De reciclagem, aperfeiçoamento, atualização, especialização etc. e muitas delas não se situam na área da educação formal, na escola regular. Elas emergem de múltiplos campos e situam-se mais na área de atuação das ONGs, o novo terceiro setor. Deve-se acrescentar que demandas da escolaridade formal também estão recaindo sobre o terceiro setor tendo em vista os índices de analfabetismo e a necessidade da leitura para as operações mais elementares, tais como na área da construção civil, no setor do comércio etc. (GOHN, 2011, p.105)

As atividades pedagógicas e educativas estão presentes em toda a sociedade, cada vez mais disseminadas e incentivadas, sendo cada vez mais exigida para diferentes atividades profissionais.

Diante de tais conceitos e discussões em torno da Educação e da realidade social, cultural, política e econômica, imersa na globalização, dos quais é possível refletir, tal análise se remete ao pensamento de Libâneo (1994, p.17) a respeito do objetivo da educação, que considera “(...) prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade”. Desta forma, entende-se que a educação, independente de sua forma, serve para oferecer e transmitir conhecimentos e experiências que preparem os indivíduos para a cidadania, sociedade e economia.

Considerando-se, ainda os vínculos entre educação e economia, as mudanças recentes no capitalismo internacional colocam novas questões para a Pedagogia. O mundo assiste hoje a intensas transformações, como a internacionalização da economia, as inovações tecnológicas em vários campos como a informática, a microeletrônica, a bioenergética. Essas transformações tecnológicas e científicas levam à introdução, no processo produtivo, de novos sistemas de organização do trabalho, mudança no perfil profissional e novas exigências de qualificação dos trabalhadores, que acabam

afetando os sistemas de ensino. Não é casual que a parcela do empresariado, surpreendentemente, esteja redescobrando a escola básica além do interesse por processos de requalificação profissional. De fato, com a “intelectualização” do processo produtivo, o trabalhador não pode mais ser improvisado. São requeridas novas habilidades, mais capacidade de abstração, de atenção, um comportamento profissional mais flexível. Para tanto, repõe-se a necessidade de formação geral, implicando reavaliação dos processos de aprendizagem, familiarização com os meios de comunicação e com a informática, desenvolvimento de competências comunicativas, de capacidades criativas para análise de situações novas e modificáveis, capacidade de pensar e agir com horizontes mais amplos. Por mais que se reconheça que as transformações na educação decorrem de necessidades e exigências geradas pela reorganização produtiva e pela competitividade no âmbito das instituições capitalistas, portanto, com um caráter economicista, tecnocrático e expoliador, é notório que nos encontramos diante de novas realidades em relação ao conhecimento e a informação. Verifica-se, pois, uma ação pedagógica múltipla na sociedade. O pedagógico perpassa toda a sociedade, extrapolando o âmbito escolar formal, abrangendo esferas mais amplas da educação informal e não formal. Apesar disso, não deixa de ser surpreendente que instituições e profissionais cuja atividade está permeada de ações pedagógicas desconheçam a teoria pedagógica. (LIBÂNEO, 2010, p.27-28)

Sendo as formas de educação diversas e de ampla demanda, serão analisadas, caracterizando e distinguindo a educação formal, informal e não formal, evidenciando suas contribuições específicas, suas particularidades, responsabilidades e interferências educacionais.

2.1.2 Educação Formal

A Educação Formal é um tipo de transmissão de conhecimento, com característica de ensino e aprendizagem sistematizado, gerido por regras, currículo, métodos preconcebidos e avaliações.

A educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. (GADOTTI, 2005, p.2)

Com base no texto é possível perceber e identificar as características, estruturas, objetivos e locais pertencentes a este tipo de educação, o que lhe proporciona o termo de formalidade, de regularidade e legalidade.

Gaspar (2002, p.171) sintetiza a educação formal como “a educação com reconhecimento oficial, oferecida nas escolas em cursos com níveis, graus, programas, currículos e diplomas”. O ambiente escolar é o local onde se busca efetivar a educação formal e cumprir suas propostas, com base nisto, o autor une a preconização da educação formal com o surgimento da instituição escolar, que vem para exercê-la e efetivá-la. O autor justifica, historicamente, o surgimento da escola e da sistematização do ensino:

O surgimento da escola nas civilizações mais avançadas decorre da necessidade de preservar e garantir o legado do acervo cultural continuamente gerado por essas civilizações. Provavelmente, foi também por essa razão que o conhecimento a ser transmitido na escola se organizou e se especializou num ordenamento de conteúdos separados em áreas uniformes e distintos, com o significado nome de disciplinas. Embora a produção do conhecimento não se restringisse a instituições ou a lugares determinados, a transmissão regular e disciplinar desses conhecimentos foi sendo, com o tempo, delegada à escola, ou melhor, à educação formal. (GASPAR, 2002, p. 172)

Com isto, percebe-se a assimilação da educação formal a instituições de ensino regulamentadas, em acordo aos parâmetros legais da Educação Nacional, que ensinam, avaliam e certificam/diplomam àqueles que obterem êxito na aprendizagem e assimilação do ensino que lhe foi ofertado, conforme currículo, objetivos e critérios avaliativos ora estabelecidos.

O ensino e conteúdos ofertados dizem respeito ao conhecimento científico. “A educação formal possui a função de preparar o educando para atuar efetivamente junto à sociedade, para tanto oferece o conhecimento científico” (BIESDORF, 2011, p.1). Sendo o conhecimento científico, o principal cerne ofertado pela educação formal ou escolar, não impede que seja agregado a outros conhecimentos, que aprimorem seu preparo a sociedade e cidadania, para a convivência e para a promulgação de cultura.

A LDBEN 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) cita como um dos princípios para a provisão do ensino, em seu Título II, Art. 3º: que “o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios”: “X - valorização da

experiência extraescolar;” (BRASIL, 1996, p.2). Nestes termos, a própria legislação prevê a consideração de experiências fora do contexto escolar para o ensino formal, com a articulação de experiência e saberes, valorizando-os.

Com o avanço tecnológico a educação formal amplia seu espaço. Considerando que “atualmente, com a difusão dos meios de comunicação de massa, temos o ensino sistemático a distância. (FERREIRA, 1993, p.39). O ensino a distância permite novos recursos e métodos para o acesso ao conhecimento e a educação formal, subsidiado por novas relações de aprendizagem e recursos tecnológicos.

Ao se pensar a educação fora do ambiente escolar, encontram-se as formas de educação informal e não formal, as quais alguns autores consideram sinônimos, ao passo que Gohn critica tal similaridade e as diferencia quanto à organização e a composição do processo de aprendizado, conforme argumenta:

A educação transmitida pelos pais na família, no convívio com amigos, clubes, teatros, leitura de jornais, livros, revistas etc. são considerados temas da educação informal. O que diferencia a educação não formal da informal é que na primeira existe a intencionalidade de dados sujeitos em criar ou buscar determinadas qualidades e/ou objetivos. A educação informal decorre de processos espontâneos ou naturais, ainda que seja carregada de valores e representações, como é o caso da educação familiar. Conforme Afonso (1992), a educação informal ocorre nos espaços de possibilidades educativas no decurso da vida dos indivíduos, como a família, tendo, portanto, caráter permanente. Mas o termo informal não abrange as possibilidades da educação não formal (...), ou seja, as ações e práticas coletivas organizadas em movimentos, organizações e associações sociais. Alguns autores teimam em denominar o aprendizado de conteúdos não escolares, em espaços associativos, movimentos sociais, ONGs etc. como sendo educação informal. Achemos que essa terminologia e classificação é incorreta, pois trabalha-se com um paradigma bipolar onde existe apenas dois tipos de aprendizagem: o escolar e o não escolar. Tudo o que ocorre fora dos muros da escola é pensado como aprendizagem não escolar e perde seu caráter de educação propriamente dita. (GOHN, 2011, p.107-108)

Neste texto a autora argumenta sua compreensão e posicionamento a respeito de educação formal e informal, diferenciando-as. Percebe que, ao caracterizá-las em um único grupo de não escolar, como alguns autores as consideram, não elucida seu caráter educativo, do qual todos possuem, respeitando sua natureza e constituição.

Estes tipos de educação terão estudo mais aprofundado em sequência, em continuidade ao estudo proposto.

2.1.3 Educação Não Formal

A educação não formal é definida por La Belle (apud GADOTTI, 2005, p.2) como “toda atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionados de ensino a determinados subgrupos da população”. Gadotti (2005, p.2) a caracteriza como mais difusa, menos burocrática e hierárquica em comparação a educação formal e esclarece que toda educação é formal, por sua intencionalidade, porém, o que a difere é o cenário e sua regularidade, sequência, normatização. Assim, a formalidade ou não formalidade, não se refere somente ao ato educativo, mas também ao espaço, ao ambiente e ao sistema em que ocorre, tal definição revela a ambiguidade por se definir em oposição à educação formal, que é outro tipo de educação.

Usualmente define-se a educação não formal por uma ausência, em comparação com a escola, tomando a educação formal como único paradigma, como se a educação formal escolar também não pudesse aceitar a informalidade, o “extraescolar” (GADOTTI, 2005, p.2)

Gadotti (2005, p.2) ultrapassa sua concepção em opor um tipo de educação em detrimento de outro, mas busca descrevê-la conforme sua especificidade. Esta posição ressalta a importância de todos os tipos e meios de se educar ao passo que, ao se comparar uma em relação à outra transmite uma intenção, ainda que inconsciente, de atribuir importâncias e valores.

Maria da Glória Gohn é referência em pesquisa sobre este tema, que é um novo assunto de investigação. Ela afirma que na década de 90 o termo educação não formal não era muito conhecido, nem muito utilizado em nosso país, e que, neste período, ocorreram mudanças sociais como: o surgimento de novas organizações da sociedade civil, mudanças institucionais e de legislação; mudanças que foram discutidas em seu primeiro livro sobre Educação Não Formal e Cultura Política, publicado em 1999 (2011, p.9). Nesta publicação apresentou que

[...] há formas educacionais fora da realidade escolar, fora da educação formal propriamente dita. Há produção de saberes e aprendizagens extracurriculares, distintos do conhecimento prescrito às escolas, e fazem parte da formação dos indivíduos. Eles poderão até se articularem com estruturas formais escolares, e serem desenvolvidos em parceria com as escolas. (GOHN, 2011, p.10)

A autora pensa a educação não formal como aquela praticada em espaços construídos coletivamente, por meio de diálogo e trocas de experiências, cujos objetivos são coletivos, pertencentes ao grupo componente do espaço educativo. Pontua que “há na educação não formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes” (GOHN apud CEREDA e LUIZ, 2008, p.42). No que se refere aos espaços e objetivos, a educação é classificada em dois tipos: o primeiro é usado pela alfabetização, para educação de jovens e adultos ou educação popular, que utiliza de métodos, espaços e sequências alternativos, não oficiais; a segunda, a educação gerada pela participação social (GOHN, 2011, p. 109). A autora a analisa como “um dos elementos fundantes e constitutivos dos seres humanos” (GOHN, 2011, p.11), considerando que propende formar o indivíduo para o mundo e que sua oferta permite a produção de conhecimentos em amplo território, por meio de relações e práticas sociais; sem distinção de faixa etária, nível escolar, identidade ou cultura.

Ela aborda processos educativos que ocorrem fora das escolas, em processos organizativos da sociedade civil, ao redor de ações coletivas do chamado terceiro setor da sociedade, abrangendo movimentos sociais, organizações não governamentais e outras entidades sem fins lucrativos que atuam na área social; ou processos educacionais, frutos da articulação das escolas com a comunidade educativa, via conselhos, colegiados, etc. (GOHN, 2011, p.17-18)

Com isto cita alguns dos diferentes contextos de possibilidades em que se efetiva a educação não formal, que ocorrem fora das escolas ou em junção da escola com outras comunidades ou instâncias.

A esse respeito Gadotti afirma que:

São múltiplos os espaços da educação não formal. Além das próprias escolas (onde pode ser oferecida educação não formal) temos as Organizações Não-Governamentais (também definidas em oposição ao governamental), as igrejas, os sindicatos, os partidos, a

mídia, as associações de bairros, etc. Na educação não formal, a categoria espaço é tão importante como a categoria tempo. O tempo da aprendizagem na educação não formal é flexível, respeitando as diferenças e as capacidades de cada um, de cada uma. Uma das características da educação não formal é sua flexibilidade tanto em relação ao tempo quanto em relação à criação e recriação dos seus múltiplos espaços. (...) As novas tecnologias da informação criaram novos espaços do conhecimento. Agora, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornaram-se educativos. Cada dia mais pessoas estudam em casa, podendo, de lá, acessar o ciberespaço da formação e da aprendizagem a distância, buscar fora das escolas a informação disponível nas redes de computadores interligados, serviços que respondem às suas demandas pessoais de conhecimento. (GADOTTI, 2005, p.2,3).

Não é apresentada, por ambos os autores, uma concorrência, onde se mede a importância de um modelo de educação sobre o outro, mas há uma valorização e incentivo por conhecê-las, percebê-las e integrá-las, de forma a conquistar resultados de uma aprendizagem significativa e de qualidade. Gohn (2011) percebe em seus estudos que, onde há reformas educacionais bem sucedidas, ocorre também a participação ativa de membros da comunidade educativa, efetivada geralmente por meio de conselhos, colegiados e/ou reformulando o currículo e/ou permitindo o acesso da comunidade à escola. Esta participação ativa, reformulação e integração “trata-se da articulação entre a educação formal e a não formal” (GOHN, 2011, p.24), que objetiva que seus alunos aprendam, além do conhecimento científico, a interpretar o mundo. A autora defende o acesso ao saber interpretativo articulado ao saber escolar: “é preciso agregar ao ensino formal, ministrado nas escolas, conteúdos da educação não formal, como os conhecimentos relativos às motivações, à situação social, à origem cultural dos alunos, etc” (p.24-25).

Sobre a articulação entre educação formal e não formal Gohn chama de “Escola da Liberdade e Criatividade” (2011, p. 114) citam-se as seguintes particularidades:

A escola da liberdade e criatividade pressupõe alterações na forma e no conteúdo dos currículos escolares, assim como no processo de formação de docentes, que não pode se resumir à aquisição de conhecimentos em domínios exclusivamente acadêmicos, mas deve-se adentrar no mundo das comunicações. Parte-se do suposto que o rendimento escolar deve-se, sobretudo, à qualidade das relações entre docentes e educandos. Ela requer ainda uma nova forma de gestão, não centrada exclusivamente no corpo técnico-burocrático-

administrativo, mas envolvendo o conjunto dos setores. As soluções não devem ser impostas, mas negociadas publicamente. Isto pressupõe um sistema de comunicação composto sob a forma de redes, com canais bastante fluentes, com estruturas formais de representação (conselhos, colegiados etc.) em todos os níveis e segmentos.

A Educação não deve ser apenas uma agência, uma socialização de conhecimentos, mas deve contribuir para a formação de capacidades para atuar e pensar de forma criativa, inovadora, com liberdade. A escola deve ser o centro da vida social, e não um serviço administrativo (...).

Tal modelo exige uma escola social e culturalmente heterogênea e supõe a exclusão do modelo de escola homogênea (...). (GOHN, 2011, p.116)

Uma escola com prática dialógica, administrada por gestão participativa é um princípio proposto, primordialmente para a educação pública brasileira. Guimarães e Abranches (2012, p. 549) propõem uma reflexão sobre o governo democrático no âmbito educacional:

A gestão democrática do ensino, por sua vez, garante a participação direta da sociedade civil (na LDB, Lei 9.394/96, consta comunidade escolar) na formulação, gestão, acompanhamento e controle das instâncias governamentais responsáveis pela execução da política, constituindo, assim, novas instituições participativas.

Desta forma, a sugestão de Gohn no que se refere a viabilização de diálogo, de troca de experiências, de participação ativa de todos os integrantes da comunidade escolar e a inclusão de questões da educação não formal no contexto escolar formal, se tornam condizentes a algumas propostas da gestão democrática constante nos documentos oficiais, como a Constituição Federal de 1988 e a LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - 9.494/96).

2.1.4. Educação Informal

A informalidade na educação pode apresentar um aspecto menos rígido que a educação formal e a não formal, com características e métodos mais diversos e difusos.

Envolve todos os processos educativos que ocorrem no interior da sociedade e que não são dotados de métodos, regulamentos, periodicidade e conteúdos próprios. (...) A informação não faz parte de uma programação predeterminada e não segue um método pedagógico específico. (...) O conteúdo da educação é, essencialmente, formado por elementos da cultura de uma sociedade. Tanto a educação formal como a informal resumem-se em transmitir, utilizando a linguagem, uma série de informações (conhecimentos técnicos) necessários à existência do indivíduo como membro do grupo, e também os valores e as normas que se espera sejam fundamentais para o bom desempenho de suas tarefas presentes e futuras. (FERREIRA, 1993, p.40, 49).

Com base em suas considerações, o espaço da educação informal é a sociedade e por meio desta ocorre transmissão de cultura. A instrução de cultura ocorre “na medida em que molda e capacita os indivíduos a usar a linguagem e a reforçar valores, normas e crenças típicos dos grupos que a compõe” (FERREIRA, 1993, p.50). A educação informal comumente é associada ao conceito de cultura por “estar ligada fortemente a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos e a participação em atividades grupais” (GADOTTI, 2005, p.3).

Gohn caracteriza a educação informal como aquela que se efetiva nos “processos de socialização gerados no interior de relações intra e extrafamiliar” (ZUCCHETTI, 2012, p.2). É atribuída, em grande parte, como papel da família, sendo importante para a convivência social.

Em seus estudos, Biesdorf (2011) discorre a respeito das dualidades e controvérsias existentes entre a escola e a família para assumirem suas responsabilidades educativas, cujos principais reflexos são a indisciplina e falta de limites. Sobre isto pontua “a família é a principal instituição responsável pela educação informal (...), já a escola é a instituição responsável pela educação formal” (BIESDORF, 2011, p.3).

Percebe-se papéis educativos distintos e ao mesmo tempo interligados, que se influenciam mutuamente. Com isto, o déficit ou falta de cooperação podem resultar em dificuldades aos educandos dos quais é difícil para qualquer uma das instancias (escola e família) suprir a falta ou omissão de outra. É importante valorizar e incentivar a aproximação, o diálogo e as delimitações das responsabilidades de cada uma.

Souza (2006) considera que a família deve ser mediadora, de modo a vincular os filhos a cultura, o que considera ser possível efetivar da seguinte forma:

“a família será, pois, mediadora que proporcionará à criança o contato com o meio social através do qual ela irá, gradual e consistentemente, constituir sua visão de mundo e apropriar-se das práticas culturais que manterá durante sua vida” (SOUZA, 2006, p. 230).

A indisciplina é um exemplo de como déficits educação informal interferem substancialmente na educação formal, em como são interligadas e complementares, sendo que a omissão de uma dificulta a eficácia da outra. Ao emergir esta situação, que dificulta os processos de ensino e aprendizagem, a escola necessita, dentro de sua particularidade, transmitir esta educação (de valores, limites, convivência social, de respeito, etc) para atenuar a ausência deste ensino por parte da família. Há, contudo, o risco de perda de dedicação ao ensino científico pelo qual focaliza a educação formal.

Problemas afetivos e de conduta são percebidos, com frequência, nas salas de aula e causam dificuldades nos processos de ensino e aprendizagem. López (2004) cita que muitos pesquisadores

... calculam que entre 5% e 15% das crianças na primeira infância e entre 10% e 20% na adolescência apresentam problemas emocionais ou de conduta relativamente importantes. (LÓPEZ, 2004, p.114)

Acrescentando a demais problemas isolados que atenuam as dificuldades de aprendizagem, os problemas de conduta são ações que exteriorizam sintomas internos por meio de atos antissociais e agressivos, que resultam em “problemas de indisciplina e de organização da classe e causam grande preocupação aos professores” (LÓPEZ, 2004, p. 116).

Em outro aspecto, ao se pensar na valorização, no ambiente escolar, da aprendizagem adquirida por meio de práticas educativas informais, notamos o currículo como ferramenta de organização, planejamento e sistematização, através do qual se objetiva os conteúdos a serem ensinados e discutidos. A este respeito, Gadotti (2005, p.4) menciona que os currículos escolares que reconhecem, em sua constituição, a diversidade cultural e a informalidade, são aqueles que emergem para a educação do futuro, pois as mudanças e diferenças demandam uma escola em constante adaptação:

As escolas trabalham com a homogeneidade diante da diversidade das crianças. E ignoram ou desqualificam o saber delas. O direito da criança é o direito de realizar suas aspirações, o direito de ter esperança, o direito de não ler o livro que não ama. Porque aprendemos quando temos o desejo de aprender. (GADOTTI, 2005, p.5)

Diante do exposto, se remete à escola heterogênea que reconhece a individualidade de personalidade, de saberes, de diferenças sociais e culturais, de interesses e motivações diversos; em detrimento da escola homogênea, tida como, ainda, como mais comum.

Em sua Teoria de Inteligências Múltiplas, Gardner (1995) demonstra a diferença nos indivíduos, em aptidões, em cultura e em ensino. Em seu livro faz crítica a testes de aptidão escolar ou de inteligência que possuem formatos generalizados ou que classificam por uma dimensão intelectual e, a partir disto, menciona o que é a “escola uniforme”, em contraposição a diversidade dos sujeitos que a compõe. “Na escola uniforme, existe um currículo essencial, uma série de fatos que todos devem conhecer, e muito poucas disciplinas eletivas” (GARDNER, 1995, p.13), sendo que, tudo que é aplicado e ensinado é mensurado, por meio de avaliações regulares que servem para classificar os indivíduos com base em seus resultados. Para ele, este propósito da escola não condiz com as características e necessidades dos alunos e sugere sobre qual deveria ser seu propósito, descrevendo uma escola ideal, a partir de seus estudos:

... o propósito da escola deveria ser o de desenvolver as inteligências e ajudar as pessoas a atingirem objetivos de ocupação e passatempo adequados ao seu espectro particular de inteligência. (GARDNER, 1995, p.16)

Na escola ideal de Gardner se reconhece que “nem todas as pessoas têm os mesmos interesses e habilidades, nem todos aprendem da mesma maneira” (GARDNER, 1995, p.16) e que, embora o currículo seja elaborado a determinado grupo, se reconhece que “ninguém pode aprender tudo o que há para ser aprendido” (GARDNER, 1995, p.16). Trata-se de uma escola centrada no indivíduo que, tanto o avalia conforme capacidades e tendências de cada aluno, quanto considera e utiliza maneiras adequadas para cada professor ensinar os conteúdos curriculares.

Nestes termos, incentiva a escola a olhar a diversidade dos sujeitos que a compõe, reconhecendo suas aptidões, conhecimentos e experiências intrínsecas.

2.1.4.1. Interação Entre Família e Escola.

A relação entre as instituições familiar e escolar é importante e fundamental para a educação integral dos sujeitos, que possui interesses comuns, embora sua prática seja em alguns aspectos conflitantes. Pesquisadores e educadores apresentam aspectos desta relação, com estudos e propostas de cooperação que visam a definição ou redefinição das responsabilidades educativas de cada instância, sendo um vasto campo de investigação.

Silveira (2013, p.7) inicia sua discussão sobre a cooperação entre as tarefas educativas entre escola e família recordando do movimento histórico higienista, que a partir da década de 50 começou a intervir e orientar as famílias a respeito da educação, da criação e do cuidado de seus filhos. Da mesma forma, apresenta que a escola sofreu influências higienistas durante este momento histórico, as quais ainda estão presentes, sendo, pois, reproduzidas quando se considera uma hierarquia entre o saber escolar sobre o familiar. A autora cita estudiosos que recomendam a interrupção desta prática, por considerar que as práticas educativas da instituição escolar e familiar são distintas e com funções diferentes, que se complementam, não havendo prevalência de um sobre o outro. Apresenta, também, estudos de que na medida em que há uma progressão de estudos, há um distanciamento maior entre as famílias e a escola, o que pode ser percebido no ensino médio. Como uma das formas de aproximação sugere que haja coerência e aproximação entre as duas práticas educativas, “para isso, é importante criar entre família e escola um espaço de acolhimento, ajuda e aprendizado mútuo de estratégias produtivas e eficazes na educação de jovens e crianças” (SILVEIRA, 2013, p.8).

Tal estudo remete a relação entre família e escola, ao diálogo e respeito entre si, no que tange as suas responsabilidades e práticas educativas.

Bassedas e Cols (1996) concordam com a necessidade de aproximação e se referem ao afastamento entre a família e a escola, que prejudicam o processo de ensino. A instituição familiar possui papel na formação dos indivíduos e é detentora de significativa influência educativa, social e cultural.

A família como sistema possui uma função psicossocial de proteger os seus membros e uma função social de transmitir e favorecer a adaptação à cultura existente.

Cada família, como todo sistema, possui uma estrutura determinada que se organiza a partir das demandas, interações e comunicações que ocorrem em seu interior e com o exterior. Esta estrutura forma-se a partir das normas transacionais da família, que se repetem e informam sobre o modo, o momento e com quem deve relacionar-se cada um de seus membros.

Estas normas regulamentam o funcionamento da família, que tenta mantê-las durante todo o tempo que for possível. (BASSEDAS & COLS, 1996, p. 33)

Ao referenciá-la como sistema, com normas, ideologia, estrutura e organização específicas, particulares a cada grupo familiar, as autoras remetem ao seu funcionamento que, inserido em contexto social e cultural, sofre influências externas e internas, transformando-se e provocando transformações.

No que diz respeito à relação entre escola e família, conflitos e afastamentos podem culminar em dificuldades para os discentes e filhos, sendo sua aproximação e interatividade contribuem para a formação dos sujeitos. Para que se efetive esta cooperação é necessária uma prática dialógica, constante articulação e discussão, de maneira que se conheçam, se compreendam e se respeitem, buscando a promulgação da Educação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa norteou-se e embasou-se em fontes bibliográficas, com interesse em compreender e discutir a realidade educativa dos espaços de educação, identificando a relação e colaboração da educação informal e não formal à educação formal, com análise obtida através de pesquisa de campo.

Segundo Ander-Egg (1978 apud MARCONI e LAKATOS, 2003, p.115) a pesquisa se refere a um “procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento”. Ao comentarem esta citação, as autoras completam que a pesquisa se trata de um procedimento formal, que exige reflexão e tratamento científico, através da qual se busca compreender a realidade ou verdades parciais.

Através da pesquisa bibliográfica há consulta de trabalhos, pesquisas e conhecimentos realizados e publicados, onde se encontra dados e informações importantes a respeito do tema; serve de embasamento para o plano de trabalho, fonte de informações e orientações (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 158).

Opta-se, neste trabalho, pela pesquisa de campo, a qual se caracteriza como:

[...] aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimento acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre elas. (LAKATOS e MARCONI, 2003, p.186)

Com isto, a pesquisa de campo favorece a compreensão para se obter respostas e/ou hipóteses a respeito de um questionamento. Podendo resultar, ainda em novas propostas e em continuidade de estudos, por ser vasto o campo para estudos e inesgotáveis as pesquisas.

Para Gil (2011, p.57) “os estudos de campo procuram muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis”.

Opta-se, dentre os tipos de pesquisa de campo, pelo quantitativo descritivo, que consiste em:

[...] investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos, a avaliação de programas, ou o isolamento de variáveis principais ou chave. Qualquer um desses estudos pode utilizar métodos formais, que se aproximam dos projetos experimentais, caracterizados pela verificação de hipóteses. Todos eles empregam artifícios quantitativos tendo por objetivo a coleta sistemática de dados sobre populações, programas, ou amostras de populações e programas. Utilizam várias técnicas como entrevistas, questionários, formulários etc. e empregam procedimentos de amostragem. (LAKATOS e MARCONI, 2003, p.187).

Percebeu-se, em acordo ao objeto de pesquisa e problematização, que tal estudo é adequado a característica deste trabalho, sendo que se empregam artifícios quantitativos e coleta de dados sobre a população pesquisada.

No que se refere ao campo de investigação, utilizou-se o método de amostragem, selecionando uma parte da população de alunos do Colégio Estadual São Vicente de Paula – EFMNPR, da cidade de Nova Esperança, Paraná. O grupo selecionado se delimita por 4 (quatro) turmas de Ensino Profissional do curso Técnico em Administração Integrado.

A técnica empregada se remete à coleta de informações por meio de questionário (apêndice A). Os dados obtidos foram submetidos a verificação crítica, por meio de análise, interpretação, explicação e especificação; com resultados estatísticos expressos por gráficos, com vista a apresentá-los de forma clara, facilitando sua descrição e compreensão (LAKATOS e MARCONI, 2003, p.167 e 170).

3.1 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em Nova Esperança, localizada na região do Noroeste do Paraná, no Colégio Estadual São Vicente de Paula – EFMNPR, sito a Avenida Rocha Pombo, nº 550 – Centro. O colégio oferta Ensino Fundamental, Médio, Normal e Profissional.

A população por amostragem foram os alunos matriculados no curso Técnico em Administração Integrado.

3.2 TIPO DE PESQUISA

Em acordo aos objetivos, aplicou-se a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo do tipo quantitativo – descritivo, com técnica de questionário aplicado por procedimento de amostragem. Aplicaram-se artifícios quantitativos, cujos resultados foram codificados, tabulados e expressos por meio de gráficos para representar os dados obtidos. A classificação e descrição da pesquisa foram elaboradas com base nas autoras LAKATOS e MARCONI (2003).

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população selecionada para a pesquisa de campo se dirigiu aos discentes do Colégio Estadual São Vicente de Paula – EFMNPR de Nova Esperança – PR. Optou-se, por amostragem, a aplicação de questionário aos alunos matriculados no Curso Técnico em Administração Integrado.

O curso Técnico em Administração caracteriza-se por: eixo tecnológico em Gestão e Negócios, forma Integrado, carga horária total de 4.000 horas aula, modalidade presencial, regime de matrícula anual com período de integralização mínimo de 4 (quatro) anos.

Conforme Projeto Político-Pedagógico do Curso, sua estrutura curricular busca formação técnica que articule trabalho, cultura, ciência e tecnologia, enfatizando a formação humana e profissional.

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Pretendeu-se coletar os dados por meio de questionário elaborado e fundamentado teoricamente, respeitando a problemática e objetivos propostos no trabalho. Os questionários foram encaminhados aos professores presentes nas

turmas no momento de aplicação, após as orientações para preenchimento, foi cedido cerca de 10 minutos para preenchimento e devolução.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados quantitativamente, representado os dados estatísticos em gráficos. A análise, interpretação, explicação e especificação foram norteadas e buscaram conhecer sobre o acesso e a intensidade de busca a outras fontes de conhecimento extraescolar, com intenção de compreender e valorizar o reconhecimento da educação não formal e informal e sua influência na aprendizagem escolar, a fim de intensificar a aprendizagem dos alunos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na data em que foram entregues e devolvidos os questionários (15/09/2014) constavam matriculados no curso Técnico em Administração Integrado o total de 123 (cento e vinte e três) alunos, sendo 35 (trinta e cinco) no 1º ano, 26 (vinte e seis) no 2º ano, 28 (vinte e oito) no 3º ano e 34 (trinta e quatro) no 4º ano. Foram preenchidos 108 (cento e oito) questionários, considerando os que estavam presentes no estabelecimento.

No que se refere ao perfil dos entrevistados, dentre os 108 (cento e oito) alunos entrevistados, com idades entre 14 (quatorze) e 19 (dezenove) anos sendo: 73 (setenta e três) do sexo feminino e 35 (trinta e cinco) do sexo masculino. Relativo ao estado civil, assinaram 105 (cento e cinco) solteiros, 2 (dois) em união estável e 1 (um) não informou a resposta.

4.1. NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS PAIS E RELAÇÃO EDUCATIVA

O questionário prestou 4 (quatro) perguntas relacionadas ao ambiente familiar dos alunos, através das quais objetivou-se analisar o acesso a educação informal representada pela participação familiar.

Os entrevistados deram os seguintes resultados sobre o nível de escolaridade de seus pais.

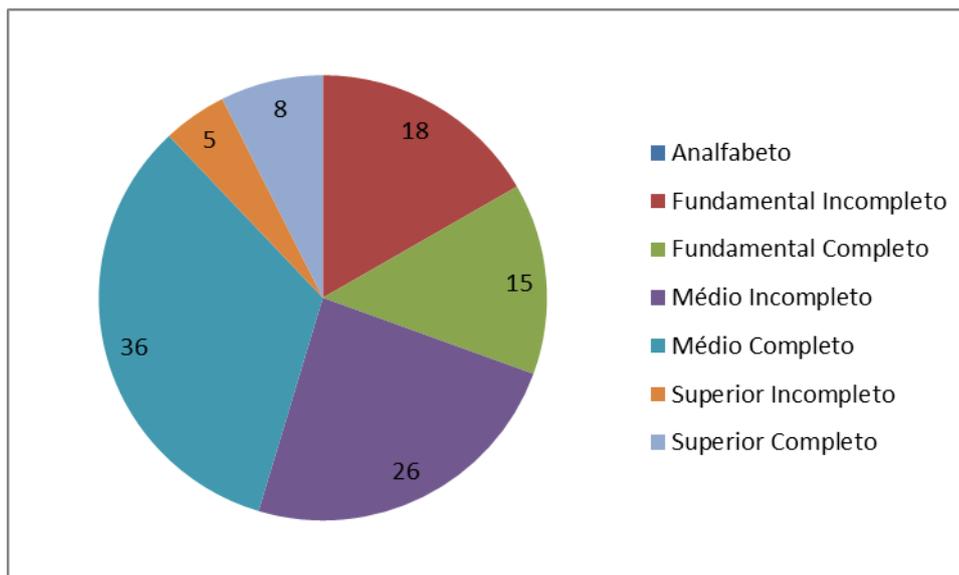


Gráfico 01 – Nível de Escolaridade dos Pais ou Responsáveis: Mãe.

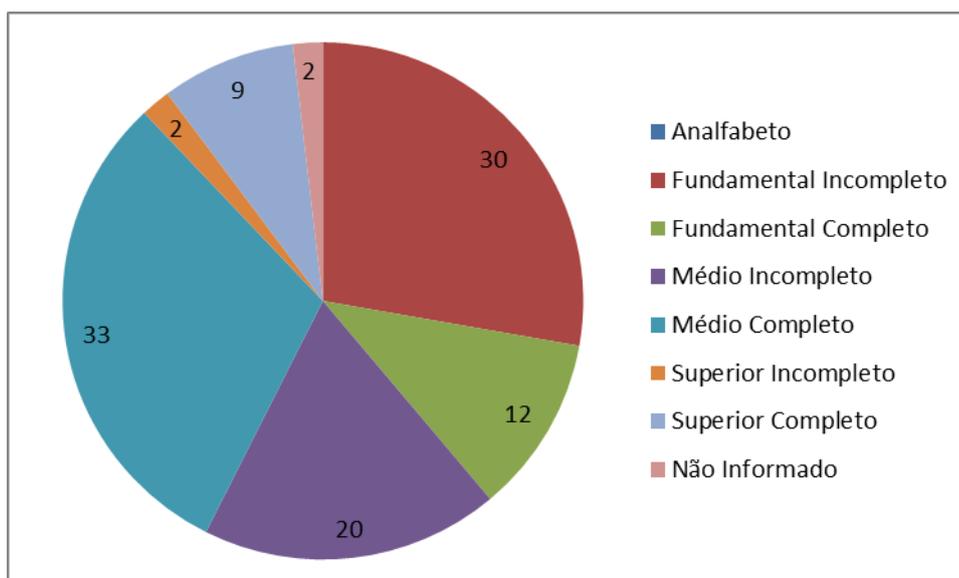


Gráfico 02 – Nível de Escolaridade dos Pais ou Responsáveis: Pai.

Dos alunos participantes, os resultados demonstraram como nível de escolaridade predominante o Ensino Médio Completo. Com este resultado, foi possível mensurar que os pais ou responsáveis dos alunos, em sua maioria, possuem o mesmo nível de escolaridade em que seus filhos estão cursando, o que reflete no índice de participação dos pais nos estudos de seus filhos, assim como seu preparo e articulação para contribuírem ou não com os conteúdos escolares.

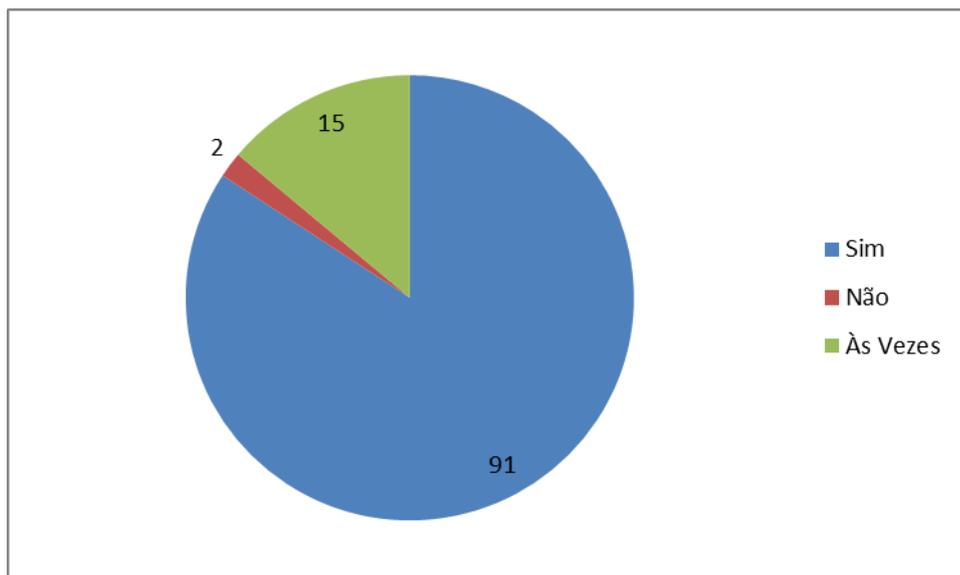


Gráfico 03 – Em Seu Ambiente Familiar Há Prática de Ensino de Valores, Normas e Limites?

Estão questão condiz a educação informal, especificamente familiar. Compreende-se que a família é uma das instâncias educativas responsáveis pela educação dos alunos. Sua importância e diversidade em educar são vastos, porém a questão delimitou ao ensino de valores, normas e limites. O maior índice de respostas afirmou que em seu ambiente familiar há ensino de valores, normas e limites.

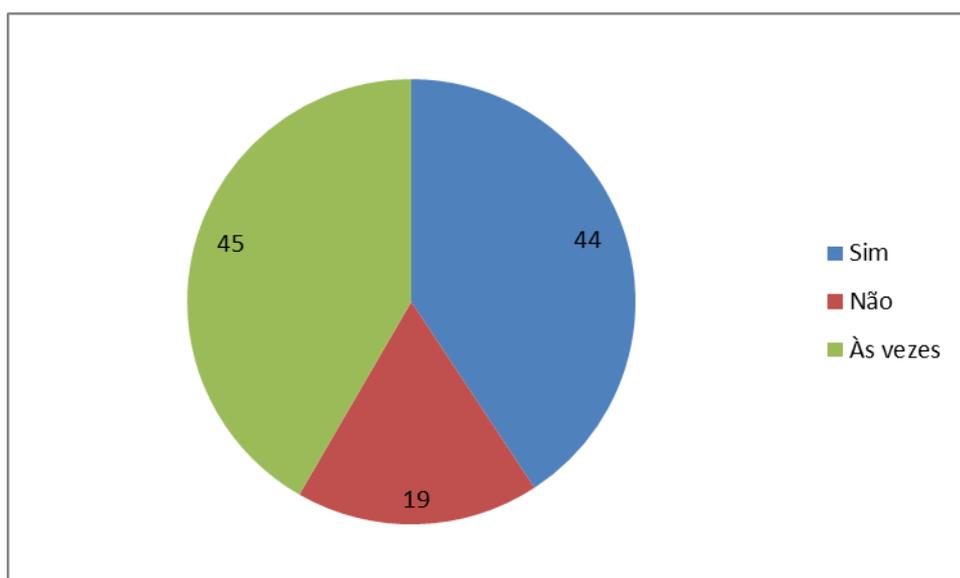


Gráfico 04 – Em Seu Ambiente Familiar Há Prática de Leitura e Estudo?

Sobre a prática de leitura e estudo no ambiente familiar, os resultados demonstram uma pequena diferença entre as opções “às vezes” (45) e “sim” (44), revelando que é mais comum a leitura irregular, sem rotina de continuidade; seguido da resposta “sim”, com diferença de uma resposta, onde se percebe a prática contínua de leitura e estudo entre os integrantes de seu grupo familiar.

A prática de leitura integra todo o processo educativo, independente de seu tipo ou finalidade. Juliana Souza, em seu estudo sobre a constituição do leitor, alega:

Entendemos que o sucesso da relação entre o sujeito e a leitura depende da qualidade da mediação que o sujeito vivencia – se as experiências de leitura organizadas pelo “outro” forem positivas ao sujeito, é bastante provável que sua relação com os livros também se torne positiva. (SOUZA, 2006, p. 225)

A autora afirma que a formação de leitores se trata de um processo longo e complexo, cujas experiências são mais frequentes fora do ambiente escolar, como em situações em que os pais intermediam e colocam as crianças em contato com a leitura, constituindo-o como leitor, ensinando-o gradualmente a usar, entender e reconhecer a importância da leitura e da escrita (SOUZA, 2006, p.228).

A prática da leitura é essencial para o estudo e pesquisa, repercute substancialmente na aprendizagem e na formação dos estudantes. Com a arguição citada é possível visualizar quão significativa é a interferência familiar na constituição de leitores.

No que se refere à participação dos pais nos estudos e atividades de seus filhos, López (2004) considera que

[...] o bom funcionamento das escolas em considerar que a participação dos pais é um dos fatores responsáveis por uma avaliação positiva. A participação não deve centrar-se apenas na presença dos pais nos órgãos ou nos conselhos de gestão da escola. Sua cooperação com a educação escolar de seus filhos deve concretizar-se principalmente na participação nas atividades escolares e extra escolares e no envolvimento no trabalho de seus filhos em casa. (LÓPEZ, 2004, p.139)

A participação dos pais e seu envolvimento na vida escolar dos filhos repercutem no bom funcionamento das escolas e na aprendizagem de seus estudantes. Quanto mais intensa é a participação e mais frequente a relação entre a

família e a escola, melhores são os resultados de aprendizagem; quanto menor é a participação familiar, maiores são os desafios da escola e dos professores. O incentivo à participação da família e do próprio aluno consistem em uma estratégia promotora de resultados positivos e satisfatórios.

“A participação dos alunos converte-se em um dos meios mais poderosos para incorporá-los à dinâmica escolar e para que encontrem significado nas atividades educacionais” (LÓPEZ, 2004, p. 140). Esta participação, conforme sugere o autor, condiz com a atitude da escola em buscar os interesses de seus alunos, conhecer suas atividades extraescolares, incentivar sua participação nas normas de gestão da escola.

Ao buscar compreender as relevâncias e interesses de seus alunos, sem esquecer-se da função da escola e de suas normas e regulamentos, o ensino pode apresentar-se mais atrativo.

4.2. LEITURA E ACESSO A INFORMAÇÃO

A respeito da leitura e acesso a informação apresentou-se questões de consulta diagnóstica com vistas a compreender o nível de acesso a Educação Informal e Não Formal pelos alunos participantes. A este respeito, a primeira questão se refere ao hábito de leitura dos alunos, do qual se obteve os seguintes resultados.

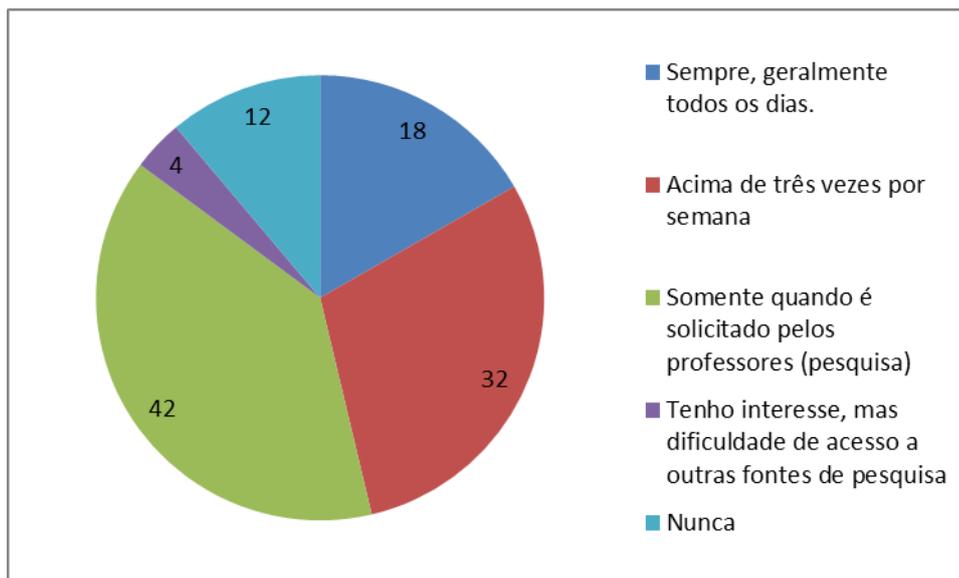


Gráfico 05 – Você Tem o Hábito de Ler Fora do Ambiente Escolar?

Sobre o hábito de leitura em ambiente extraescolar, os resultados demonstram que o maior percentual de alunos leem somente quando é solicitado pelos professores para pesquisa e trabalhos relacionados ao ensino formal. Este resultado revela, também, a influência dos professores no incentivo a leitura.

O incentivo à pesquisa é uma atitude importante para incentivar o hábito de leitura e gera resultados positivos ao estudo e a familiarização com os temas discutidos em sala de aula, pois “sem o domínio do conhecido, não é possível incursionar no desconhecido” (SAVIANI, 2009, p.43).

Kuhlthau (2010) aponta uma metodologia com estratégias que visam a condução de estudantes a pesquisa, direcionando-os a prática de investigação e questionamentos, estimulando-os a buscar e explorar informações. A autora acredita que esta postura incentiva a prática da leitura associada a reflexão, e defende que a pesquisa é um recurso para desenvolver habilidades necessárias para a sociedade da informação – que é dinâmica, em contínuas mudanças.

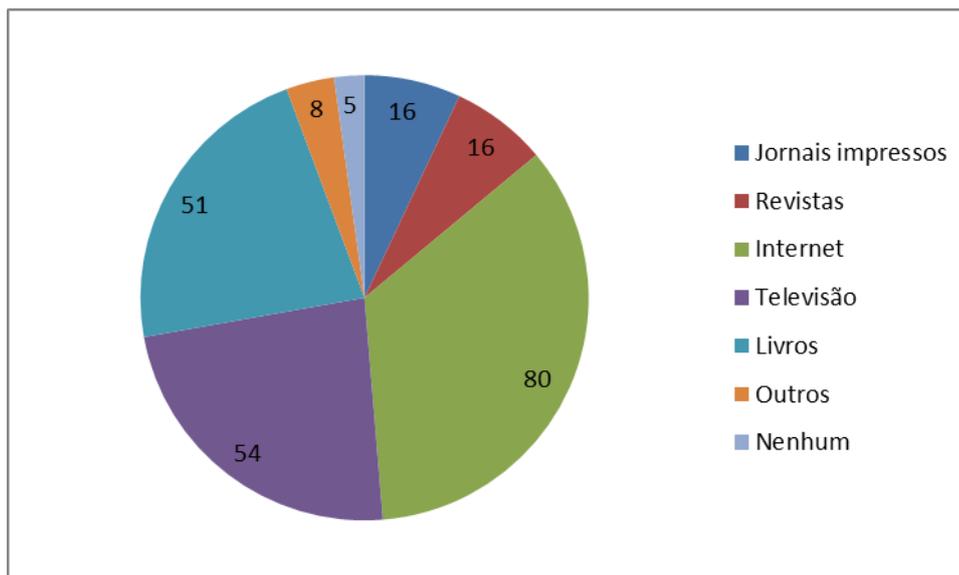


Gráfico 06 – Assinale Suas Principais Fontes de Leitura e Acesso a Informação.

A questão objetivou conhecer os principais recursos para leitura e acesso à informação aos quais tinham para estudo, pesquisa e aprendizagem. Não foi delimitado quantidade de respostas, sendo que assinalaram todas a que tinham acesso. A maioria dos participantes optou pela Internet como principal fonte de consulta, pesquisa e acesso, o que demonstra ser o recurso mais atrativo a este grupo.

Na prática docente, conquistar o interesse dos alunos pelas tarefas educativas resulta em motivação no processo de ensino e aprendizagem.

Conseguir que os alunos confirmem algum sentido às suas aprendizagens e se sintam motivados para elas supõe, no fundo, ensinar bem. Consequentemente, os objetivos, os métodos pedagógicos, os sistemas de organização e relação e os critérios de avaliação que correspondem a uma boa prática docente são os mais adequados para prevenir e reduzir a desmotivação. (LÓPEZ, 2004, p. 143)

Tais sugestões podem contribuir para diminuir a desmotivação e tornar mais efetiva a prática docente e a aprendizagem dos alunos.

No que se refere a prática da leitura na sociedade atual, conclui-se com a referência de Juliana S. Z. Souza:

A leitura é uma prática fundamental à participação do ser humano no mundo atual – grande parte de nossas ações cotidianas está, de alguma maneira, relacionada a um tipo de informação escrita. (...) É

fácil perceber a importância de se desenvolver, desde cedo, o hábito da leitura, uma vez que ela nos possibilita o envolvimento ativo com o mundo à nossa volta (SOUZA, 2006, p.223).

4.3 ACESSO A EDUCAÇÃO INFORMAL E NÃO FORMAL

Para conhecer e analisar o índice de acesso a educação informal e não formal dos sujeitos entrevistados, apresenta-se duas questões, sendo a primeira referente a alguns tipos de cursos e a segunda a outros ambientes de aprendizagem.

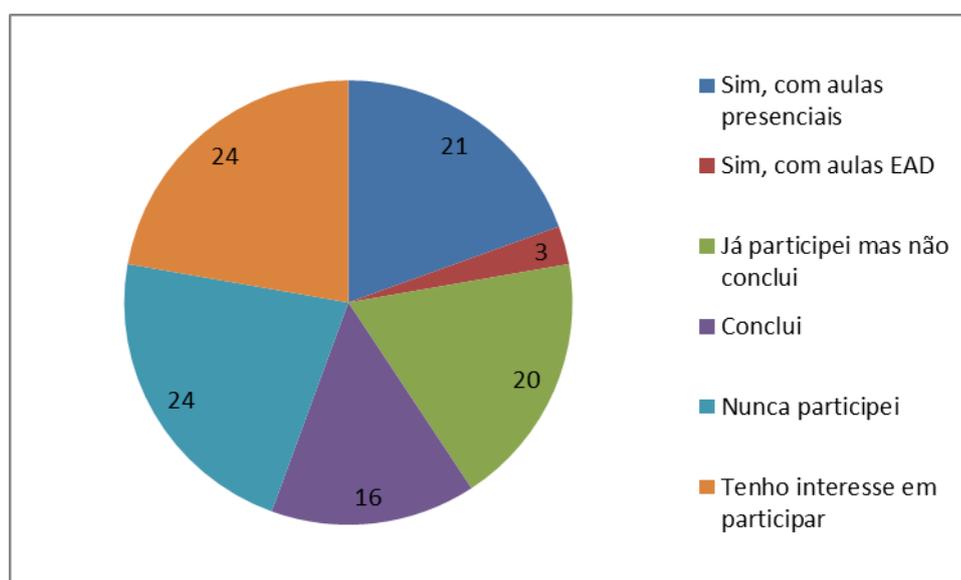


Gráfico 07 – Você Participa de Algum Grupo ou Curso de Aprendizagem Além do Escolar?

No resultado houve empate de respostas negativas, entre “nunca participei” e “tenho interesse em participar”, o que revela que o maior número de alunos participantes têm a escola como principal instituição educativa, nunca participaram e têm interesse em participar de outros cursos.

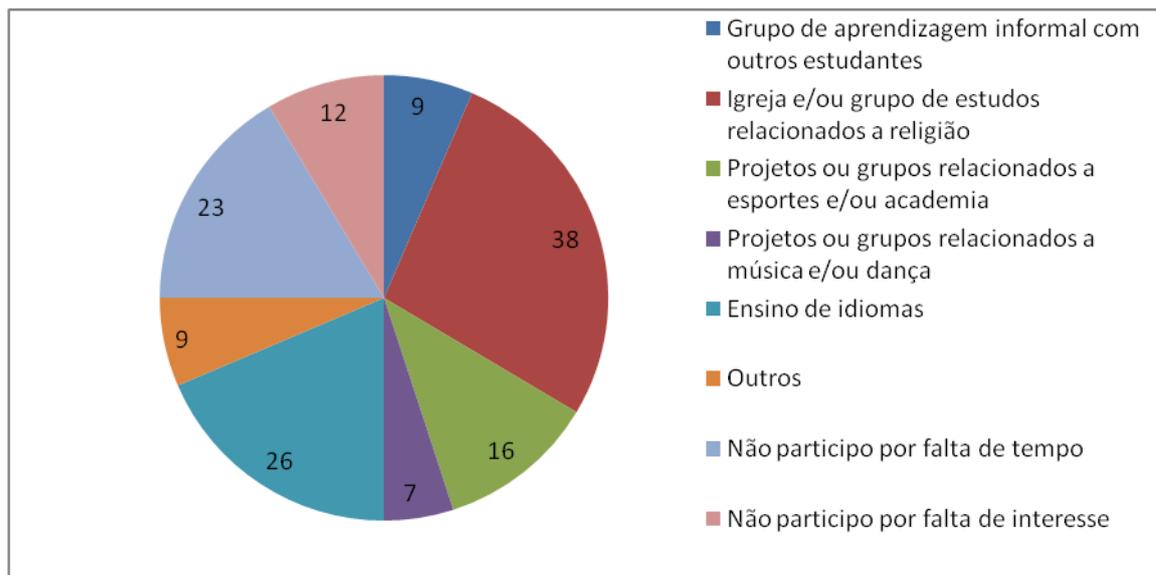


Gráfico 08 – Você Frequenta Outros Ambientes de Aprendizagem?

Ao referir-se a outros ambientes de aprendizagem, foram selecionadas na questão algumas opções mais comuns, oferecidas na comunidade local, direcionando a atividades, projetos, cursos e reuniões informais e não formais. Nota-se diversidade nas participações, sendo o ambiente mais frequente entre os alunos a igreja e/ou grupo de estudos relacionados a religião – sem especificar as religiões.

A este respeito, Vianna (2011) cita uma pesquisa realizada pelo Instituto Cidadania em 2005, na qual consta que:

a religiosidade apareceu com destaque entre os jovens que declararam por meio de respostas espontâneas e múltiplas a sua participação em grupos de jovens e muitos ressaltaram sua participação em 'grupos de Igrejas'. (...) Em síntese: nos dias atuais, aparece constantemente novas possibilidades sincréticas que, ao mesmo tempo (re)produzem identidades institucionais e até novos fundamentalismos.' Diante do panorama apresentado pela pesquisa do perfil da juventude brasileira, não podemos negligenciar a importância de abrir espaço para o conhecer, discutir, narrar e refletir nas escolas acerca das diferentes religiões e religiosidades presentes na vida dos jovens do nosso país (VIANNA, 2011, p.2-3)

Com isto se mostra a importância do tema para a sociedade e para a escola, assim como sua relevância educacional para os indivíduos.

4.4. PERSPECTIVAS EDUCATIVAS

Almeja-se, com estas questões, conhecer os objetivos futuros dos alunos em relação a continuidade ou não de seus estudos. Assim, direcionamos algumas opções de interesse.

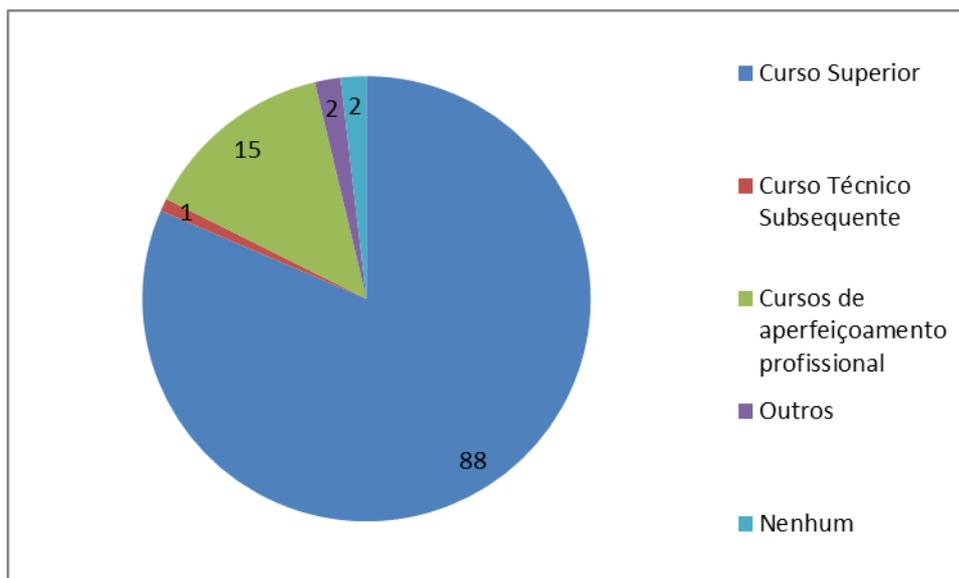


Gráfico 09 – Ao Concluir o Curso Técnico em Administração Integrado Pretende Prosseguir os Estudos?

Ao concluir o curso, o maior percentual de alunos tem interesse em iniciar um curso superior – não foram especificados quais cursos. Tal posicionamento demonstra, por parte dos alunos, incentivo e motivação em estudar e de se aperfeiçoarem profissionalmente.

No que se refere ao preparo e participação em grupos ou cursos preparatórios para Vestibular e/ou ProUni, grande parte nunca participou mas têm interesse, conforme gráfico abaixo:

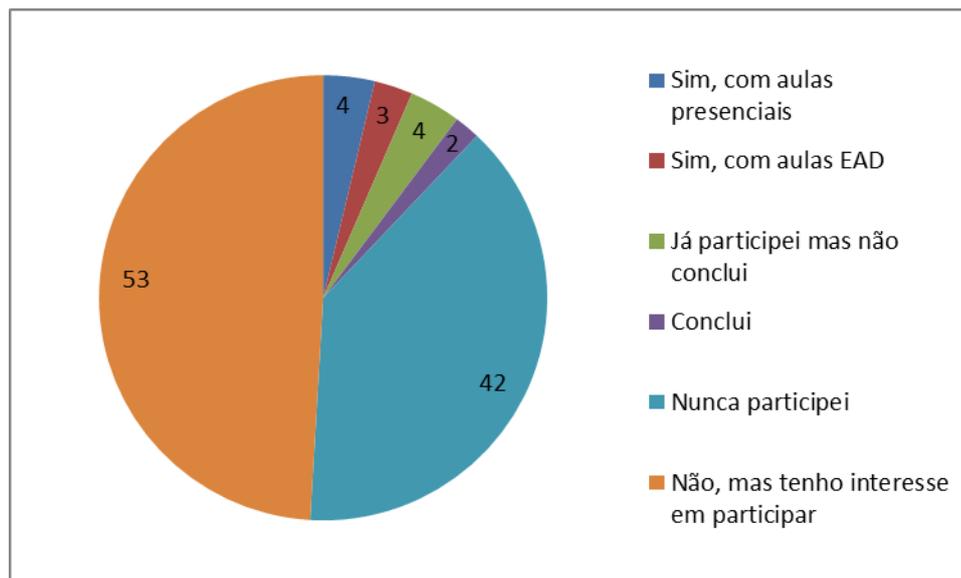


Gráfico 10 – Você Participa de Algem Grupo ou Curso Preparatório para Vestibular e/ou ProUni?

Considera-se que o resultado coerente, por terem participado todos os níveis de seriação matriculados no curso, com isto, o índice de participação tende a aumentar na medida em que se aproxima a conclusão do curso de nível médio.

Segundo Borges e Carnielli (2005) após a década de 60, fatos como a urbanização e o crescimento demográfico resultaram em aumento na demanda educacional, com isto, a preocupação em regulamentar o processo seletivo para ingresso no Ensino Superior. Destacam que o “fenômeno de expansão da educação superior impulsionou a adoção de formas alternativas de selecionar candidatos” as quais geraram “novas oportunidades e expectativas de concretizar as aspirações dos candidatos ao ensino superior” (BORGES e CARNIELLI, 2005, p.117). Os autores fazem a seguinte análise de suas pesquisas a respeito das diferentes formas de ingresso no ensino superior entre alunos provenientes de escolas públicas e privadas:

Sabe-se que historicamente no Brasil o acesso ao ensino superior é influenciado pela origem social do estudante. A educação pode não só constituir um fator de mudança e mobilidade social como também contribuir para a manutenção das desigualdades. Pesquisas educacionais têm demonstrado que alunos oriundos de escolas públicas obtêm mais sucesso nos processos seletivos das instituições de ensino superior privadas, enquanto os provenientes de escolas particulares, em sua maioria, conseguem êxito nos processos seletivos das instituições públicas de ensino superior. A dualidade escola privada e escola pública tem sido utilizada para

explicar em parte as diferenças de desempenho dos candidatos na seleção à educação superior. (BORGES e CARNIELLI, 2005, p.119)

Além da formação educacional, suas pesquisas apresentam outros indicadores e cursos, que cooperam para o preparo e aprendizagem dos estudantes, favorecendo seu ingresso em curso superior:

Os dados levantados não se restringiram apenas à formação educacional decorrente da frequência à escola regular, mas participaram também de outros indicadores, como natureza administrativa da escola, domínio de língua estrangeira moderna, informática e seus aplicativos, acesso a fontes de informações e frequência a curso preparatório para o processo seletivo, que direta ou indiretamente contribuíram para a formação educacional no sentido lato, possibilitando o aporte adicional de conhecimento para o capital cultural do estudante. (BORGES e CARNIELLI, 2005, p. 123)

De acordo com esta pesquisa, outros estudos e preparos além da escola, favorecem para o ingresso no ensino superior, o qual é almejado por grande parte dos alunos participantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo objetivou estudar a Educação em seus diferentes tipos e compreender como a educação informal e não formal interferem na educação formal em termos de aprendizagem. Buscou-se investigar espaços, instituições, grupos e recursos educativos e suas influências para a educação escolar a fim de percebê-los, compreender e identificar, com enfoque no ambiente escolar, sem, contudo, valorizá-la em detrimento das demais, mas com intenção de favorecer o ensino formal – foco da prática docente escolar – com consideração dos demais tipos de educação e os conhecimentos que proporcionam, assim como em vista de seu aperfeiçoamento e aprimoramento científico. Refletiu-se sobre o papel da educação e sua finalidade social. Ao pensar sobre a Educação, percebe-se que há múltiplas definições, práticas, tipos e orientações, e que se efetiva quando há aprendizagem, independente de seu método, tipo, local ou conteúdo.

Foi discorrido sobre questões como: aprendizagem, conhecimento, sociedade educativa, situações educativas; sobre o caráter político, econômico, cultural e social da educação; sobre sua característica de poder, de acesso ao trabalho e a cidadania; sobre sua natureza de direito, em acesso, permanência e a aprendizagem de qualidade. Foi estudado a respeito da globalização e suas interferências na tecnologia, na divulgação de informações, na competitividade e produtividade, aumentando a demanda em procura e em oferta educacional.

A primeira forma de educação abordada foi a formal: sistematizada, fiscalizada, reconhecida oficialmente, regulamentada legalmente, com regras, currículos, com estruturas burocráticas, hierárquicas. Sua transmissão ocorre em instituições autorizadas, nas formas: presencial e educação à distância, com ensino centralizado ao conhecimento científico, sem, contudo, recusar outros conhecimentos que contribuam para a formação para a sociedade, cidadania e promulgação da cultura.

A segunda, educação não formal condiz a atividades educacionais organizadas e sistemáticas, em contexto extra escolar. Seu espaço e objetivos são coletivos, permite a transmissão de conhecimentos em território amplo, sem distinções ou delimitações padronizadas. O terceiro setor, as organizações não governamentais, entidades sem fins lucrativos, partidos, sindicatos, movimentos

sociais, igrejas, a mídia, associações, são alguns exemplos de instituições ou organizações que ofertam a educação não formal. Na própria escola, por meio de conselhos, colegiados, por meio de parcerias.

Maria da Glória Gohn forneceu sugestões para promover articulação entre educação formal e não formal, a qual descreve como “Escola da Liberdade e Criatividade”, articulada a gestão democrática e prática de diálogo.

O terceiro tipo estudado foi a educação informal. Em suma, não possui métodos, currículos, programação de tempo ou delimitação de espaço – é efetivada em toda a sociedade -, transmite conhecimentos de cultura e de convivência social. Alguns autores evidenciaram a família como principal instância promotora de educação informal, com isto, dedicou-se o estudo de sua caracterização, a responsabilidade educativa e seu relacionamento, cooperação e afastamento com a escola, com vistas a apresentar seus efeitos para a formação dos indivíduos. Outros exemplos de espaços que podem transmitir a educação informal são: a prática da leitura, clubes, teatros, convivência com outros indivíduos, lugares e grupos onde há interação, práticas de ensino espontâneas.

Foi possível compreender que é importante e necessário considerar e valorizar a aprendizagem informal e não formal no currículo escolar e na prática docente, por fazer parte da constituição dos indivíduos, pela diversidade, pelas diferenças e pelas mudanças, questões que compõe a comunidade escolar e não podem ser ignoradas. Além disto, ao considerar as aprendizagens e interesses de seus alunos, há maior probabilidade de despertar motivação e compreensão para a aprendizagem. Howard Gardner proporcionou reflexão a respeito da escola, do currículo e da individualidade de interesses e habilidades, criticando instituições uniformes e homogêneas.

A pesquisa bibliográfica e de campo do tipo quantitativa descritiva, foi realizada em Nova Esperança, no noroeste do Paraná, com os alunos de ensino médio: Técnico em Administração Integrado, do Colégio Estadual São Vicente de Paula – EFMNPR. Optou-se como instrumento de coleta de dados o uso de questionário e seus resultados foram representados por meio de gráficos.

Os resultados foram organizados em 4 subtítulos, entre os quais distribuiu-se as questões apresentadas no questionário, as quais foram analisadas, interpretadas e refletidas. Os dados obtidos proporcionaram uma visualização sobre interesses e perspectivas dos alunos em outros ambientes educativos; permitindo

conhecer, em índices numéricos, o nível de escolaridade de seus pais, o envolvimento familiar no ensino de valores, normas, limites e em leitura e estudos, o que foi possível perceber que o nível de escolaridade influencia mais nos resultados de leitura e estudo do que no ensino de valores, normas e limites. Sobre o hábito de leitura, notou-se que o maior número de alunos o faz quando é solicitado por professores para pesquisa, este resultado direcionou ao estudo da pesquisa e a sua influência educacional. Buscou-se conhecer quais os principais recursos utilizados para acesso a informação, pelo qual permitiu notar seus interesses a fim de identificar possíveis recursos para práticas e tarefas educativas. A internet é o principal recurso ou fonte utilizada pelos alunos para lerem e se informarem.

Sobre os tipos de acesso e participação dos alunos a grupos ou cursos não formais e informais, resultou em empate entre alunos que nunca participaram e que têm interesse em participar. Sobre ambientes de aprendizagem, o maior número de alunos assinalou por igreja e/ou estudos relacionados a religião, com isso, foi apresentada uma pesquisa referente a jovens, a diversidade religiosa e a importância do estudo sobre temas religiosos, ao respeito e a influência na formação dos sujeitos.

O último tema analisado foi relativo às perspectivas educativas dos alunos. Foi percebido que a grande maioria dos alunos planeja prosseguir seus estudos em nível superior, porém grande parte não participa de grupo ou curso preparatório para processos seletivos, como vestibular e ProUni, o qual pode ser considerado apropriado, por terem participado todas as séries do curso. Com base nos resultados foi analisada e apresentada uma pesquisa que considera a interferência dos cursos preparatórios para o ingresso no ensino superior público, e sua importância para os alunos de escola pública, por serem em menor número de ingresso em Instituições de Ensino Superior Públicas.

Os autores consultados proporcionaram aprendizagem, com suas citações, argumentos, reflexões, críticas e pesquisas. A fundamentação teórica embasou o trabalho, permitindo o conhecimento de diferentes perspectivas sobre os assuntos estudados, com direcionamento para a pesquisa de campo, que contribuiu para a interpretação e análise dos estudos teóricos. A pesquisa bibliográfica e de campo direcionaram, interferiram e colaboraram entre si, em prol do aperfeiçoamento deste trabalho.

Acredita-se que o estudo assimilado sobre diferentes experiências educativas cooperam para os profissionais da educação em conceituar e atenuar sua prática docente. Que o conhecimento é transmitido de distintas formas, por métodos e locais diversos, inúmeras ferramentas. As instituições escolares, enquanto principal ambiente de ensino formal, ao considerar outros saberes, a diversidade de conhecimentos e experiências de seus alunos, tende a facilitar a compreensão, valorizar saberes, incentivar a participação e cooperação entre os alunos e promove métodos e fontes que lhe são atrativas.

Pretende-se, com a conclusão deste trabalho, despertar ou atenuar o conhecimento a respeito da realidade educativa e como as diferentes formas de educação são valorizadas, se complementam e cooperam para a Educação.

REFERÊNCIAS

BASSEDAS, Eulália & COLS. **Intervenção Educativa e Diagnóstico Psicopedagógico**. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BIESDORF, Rosane K. O papel da educação formal e informal: educação na escola e na sociedade. In: **Itinerarius Reflections**: Revista eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG. v. 1, n. 10, 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/index.php/ritref/article/view/20432>> Acesso em 29 Jun 14.

BORGES, José L. G.; CARNIELLI, Beatrice L. Educação e Estratificação Social no Acesso à Universidade Pública. In: **Cadernos de Pesquisa**. v. 35, n. 12. São Paulo, 2005 (p. 113- 139) Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n124/a0735124.pdf>> Acesso em 25 Set 2014.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (9394/96). Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em 04 Set 2014.

CEREDA, Suellen; LUIZ, Maria Cecília. Comunidades de aprendizagem: a participação como possibilidade de transformação da escola. In: **Revista Cadernos de Pedagogia**. São Carlos, Ano 2, V. 2, n. 4, ago-dez 2008. Disponível em <<http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/100/57>> Acesso em 29 Jun 2014. (p. 38 – 44).

DELORS, Jacques. **Educação Um Tesouro a Descobrir**: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.

DEMO, Pedro. **Desafios Modernos da Educação**. 2 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1993. Disponível em: <<http://www.uemg.br/openjournal/index.php/educacaoemfoco/article/view/103>> Acesso em 23 Set 2013.

FERREIRA, Roberto M. **Sociologia e Educação**. São Paulo: Moderna, 1993.

FRANCO, Maria Amélia S; LIBÂNEO, José C.; PIMENTA, Selma G. As dimensões constitutivas da Pedagogia como campo de conhecimento. In: **Educação em Foco**. Ano 14, n. 17. Belo Horizonte: EdUMG, 2011 (p. 55 – 78)

GADOTTI, Moacir. **A questão da Educação Formal/Não-Formal**. INSTITUT INTERNATIONAL DES DROITS DE L'ENFANT (IDE) Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Sion (Suisse), 2005. Disponível em: <http://www.virtual.ufc.br/solar/aula_link/llpt/A_a_H/estrutura_politica_gestao_organizational/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf> Acesso em 02 Jan 2014.

GARDNER, Howard. **Inteligência Múltiplas**: a teoria na prática. Trad. Maria Adriana V. V. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GASPAR, Alberto. A educação formal e a educação informal em Ciências. In: **Ciência e Política: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura, 2002. Disponível em: <<http://www.museudavida.fiocruz.br/brasiliانا/media/cienciaepublico.pdf>> Acesso em 04 Ago 2014. (p. 171 – 183)

GIL, Antonio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GOHN, Maria da G. **Educação Não Formal e Cultura Política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011

GRANELL, Carmen G.; VILA, Ignacio. A cidade como projeto educativo. In: **Pátio: Ensino Médio, Profissional e Tecnológico: A relação entre família e escola**. ISSN 2179 – 4375. Ano V Junho / Agosto 2013. N 17. Porto Alegre – RS: Grupo A, 2013. (p. 14 – 17).

GUIMARÃES, Carlos A. S; ABRANCHES, Ana de Fátima P. S. Instituições participativas na educação: entre a governança democrática e a captura de recursos. In: **Revista Educação, Poder e Cidadania**. Cuiabá, v.21, n. 47, set./dez. 2012. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-20972012000300006&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 29 Jun 2014 (p. 527-548).

JACOBUCCI, Daniela F. C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. In: **Em Extensão**. Uberlândia - MG, v. 7, 2008. (p. 55 – 66). Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/viewFile/3716/2605>> Acesso em 19 Fev 2014.

KUHLTHAU, Carol. **Como orientar a pesquisa escolar: estratégias para o processo de aprendizagem**. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

LIBÂNEO, José C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, José C. **Pedagogia e Pedagogos, Para Quê?** 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIMA, Licínio, C. A Educação faz tudo? Crítica ao pedagogismo na “sociedade da aprendizagem”. In: **Revista Lusófona de Educação**. América do Norte, v. 15, n. 15, 2010 Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1519>> Acesso em 29 Mai 2013. (p. 41-54).

LÓPEZ, Félix. Problemas afetivos e de conduta na sala de aula. In: **Desenvolvimento psicológico e educação – transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MARCONI, Marina de A., LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

ROSSINI, M. A. S. **Aprender tem que ser gostoso...** Petrópolis – RJ: Vozes, 2003.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. 41^a ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

SILVEIRA, Luiza M. de O. Um trabalho em cooperação. In: **Revista Pátio Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**: a relação entre família e escola. ISSN 2179 – 4375. Ano V Junho / Agosto 2013. N 17. Porto Alegre – RS: Grupo A, 2013. (p. 6 – 9).

SOUZA, Juliana S. Z. de. O papel da família na constituição do leitor. In: **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

VIANNA, Marielle de S. Diversidade Religiosa no Contexto Escolar. In: **Revista Católica**. v.3, n.5. Faculdade Católica de Uberlândia, 2011.

Disponível em:
<<http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv3n5/artigo01.pdf>> Acesso em 24 Set 2014.

ZUCCHETTI, D. T. Resenha GOHN, Maria da Gloria. Educação não formal e o educador social. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010. 104p. In: **Educação**. Porto Alegre, v. 35, n.1, p.137-138, jan.;abr. 2012.

Disponível em:
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/9299/7549>> Acesso em 29 Jun 2014.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – Questionário para Discentes

Pesquisa para a Monografia da Especialização em Métodos e Técnicas de Ensino – EaD UTFPR, através do questionário, objetivando estudar as influências da educação informal e não formal no ensino formal regular.

Local da Entrevista: Colégio Estadual São Vicente de Paula – EFMNPR. Nova Esperança – PR.
Curso Técnico em Administração Integrado

Data: ___/09/2014

Parte 1: Perfil do Entrevistado

Sexo : () Feminino () Masculino

Série: () 1 () 2 () 3 () 4

Estado Civil: () Casado () União Estável () Solteiro () Viúvo

Idade: _____

Escolaridade dos pais ou responsáveis:

Mãe: () Analfabeto () Fundamental Incompleto () Fundamental Completo
() Ensino Médio Incompleto () Ens. Médio Completo
() Ens. Superior Incompleto () Ens. Superior Completo

Pai: () Analfabeto () Fundamental Incompleto () Fundamental Completo
() Ensino Médio Incompleto () Ens. Médio Completo
() Ens. Superior Incompleto () Ens. Superior Completo

Parte 2: Questões “Consulta e nível de acesso a Educação Informal e Não Formal”

- 1) Você tem o hábito de ler fora do ambiente escolar?
- () Sempre, geralmente todos os dias
 - () Acima de três vezes por semana
 - () Somente quando é solicitado pelos professores (pesquisa)
 - () Tenho interesse, mas dificuldade de acesso a outras fontes de pesquisa
 - () Nunca

2) Assinale suas principais fontes de leitura e acesso a informação:

- () Jornais impressos
- () Revistas
- () Internet
- () Televisão

- Livros
- Outros
- Nenhum

3) Em seu ambiente familiar há prática de ensino de valores, normas e limites?

- Sim
- Não
- As vezes

4) Em seu ambiente familiar há prática de leitura e estudo?

- Sim
- Não
- As vezes

5) Você participa de algum grupo ou curso de aprendizagem além do escolar?

- Sim, com aulas presenciais
- Sim , com aulas EAD (Educação a Distância, online)
- Já participei, mas não conclui
- Conclui
- Nunca participei
- Tenho interesse em participar

6) Você frequenta outros ambientes de aprendizagem?

- Grupo de estudo informal com outros estudantes
- Igreja e/ou grupo de estudos relacionados a religião
- Projetos ou grupos relacionados a esportes e/ou academia.
- Projetos ou grupos relacionados a música e/ou dança
- Ensino de idiomas
- Outros
- Não participo por falta de tempo
- Não participo por falta de interesse

7) Você participa de algum grupo ou curso preparatório para vestibular e/ou ProUni?

- Sim, com aulas presenciais
- Sim , com aulas EAD (Educação a Distância, online)
- Já participei, mas não conclui
- Conclui
- Nunca participei
- Tenho interesse em participar

8) Ao concluir o Curso Técnico em Administração pretende prosseguir os estudos?

- Curso superior
- Curso Técnico Subsequente
- Cursos de aperfeiçoamento profissional
- Outros
- Nenhum